

Dívida: a solução ainda demora.

A afirmação é de Maílson da Nóbrega, para quem não adianta tentar "medidas heróicas": a saída está no próprio mercado.

A crise decorrente da dívida externa tem raízes profundas, pode durar ainda de 10 a 20 anos e não tem como ser resolvida por meio de medidas heróicas, como o Brasil tentou recentemente, afirmou ontem o ministro da Fazenda, Maílson da Nóbrega, ao participar do seminário "Conversão da Dívida em Exportação", no Rio de Janeiro. As soluções para a crise, segundo Maílson, têm de ser encontradas necessariamente no âmbito do próprio mercado financeiro internacional, razão pela qual o País não pode relegar a um segundo plano sua parceria com a comunidade financeira, devendo zelar por sua credibilidade.

O ministro disse que já exis-

tem pedidos em carteira no Banco Central para conversão de US\$ 9 bilhões, pelas diversas formas. Ele entende que esses programas de conversão não podem ser considerados como uma panacéia, mas que não deixam de se constituir em canal adicional para alavancar investimentos para o setor privado.

Historiou a crise do endividamento dos países do Terceiro Mundo, citando a "aberração" do mercado em que os bancos deixaram de financiar os fluxos comerciais para financiar programas de desenvolvimento dos países pobres, deixando-os com suas economias extremamente vulneráveis. Os sucessivos choques dos juros agregaram encar-

gos a essa dívida e criaram um volume de compromissos acima das possibilidades de pagamento da maioria dos países devedores.

Segundo Maílson, países pobres como o Brasil tornaram-se exportadores líquidos de capital com a interrupção da entrada de novos investimentos. Lembrou que há seis anos o Brasil procura e ainda não encontrou uma fórmula que possibilite sua volta ao mercado voluntário de capitais.

Em sua opinião, de nada adiantam as propostas irreais, permeadas de retórica nacionalista inconsequente, como a moratória ou a securitização ("trocar dívida ruim por outra tam-

bém ruim"). Todas essas propostas afetaram a credibilidade externa do Brasil, com sérias consequências para nossa economia.

As tendências atuais demonstram que a crise deve durar de 10 a 20 anos e que o ajuste não pode ser feito sem que se assegure as condições de desenvolvimento para os países do Terceiro Mundo. Segundo Maílson, há um consenso de que determinados países pobres como a Bolívia e países africanos não poderão tão cedo voltar ao mercado voluntário e que suas dívidas têm que ser negociada com deságio substancial, às vezes beirando os 90%.